



1 - Na leitura que fazemos de *O sentimento dum ocidental*, destacando as manifestações da consciência nele presentes, seguimos a via de considerar que o texto dispõe de todos os *ingredientes* poético-narrativos (V. M. A. Silva, 1977) necessários para contar uma história.

Mas trata-se de uma história que, à primeira vista, quase não é história: é a história do Poeta que não cabe em casa, nem cabe em si, e sai de casa e de si, deparando, fora, com um cenário humano preocupante e desolador, causa principal do mal estar que o aflige e de que ele vai tomando (e revelando) consciência passo a passo.

Esse cenário humano geral, com que o poeta depara, potencia o aparecimento de muitos outros cenários. E isso porque a história que ele conta não é sequencial nem linear, mas encerra em si muitas outras histórias, carregadas de vivências pessoais do Poeta, embora literariamente transformadas (J. Serrão, 1986).

Em *O sentimento dum ocidental*, há tempo, espaço e personagens, como há narrador e acção. O tempo, o espaço e as personagens estão claramente presentes. O narrador é o próprio sujeito poético, como acontece em muitos outros textos de Cesário Verde (J. Laidlar, 1993, pp.96-97), que se desdobra nos relatos que insinua e na interioridade que explora.

Alguma dificuldade surge com a narração/acção, sendo necessário o contributo empenhado do leitor para a constituir e organizar e dar sentido às suas partes.

2 – No texto de Cesário, deparamos com quatro cenários – *Ave-Marias*, *Noite Fechada*, *Ao Gás*, e *Horas Mortas*, a que correspondem, respectivamente, o *Cair da Tarde*, o *Acender das Luzes*, a *Fixação da Noite*, a *Noite Segura*.

Considerando cada um destes conjuntos, e procedendo a um levantamento directo do texto, vejamos como, em *O sentimento dum ocidental*, as manifestações da consciência (reveladas através dos estados de alma do sujeito poético / narrador) aparecem ligadas, de modo interactivo, aos elementos poético-narrativos referenciados (tempo, espaço, personagens).

Cenário I: Ave-Marias – Ao Cair da Tarde			
TEMPO	ESPAÇO	PERSONAGENS	ESTADOS DE ALMA DO POETA
Ao anoitecer. Sombras.	As ruas de Lisboa. Bulício, Tejo, maresia.	Infere-se: muita gente nas ruas.	Soturnidade e melancolia. Desejo absurdo (injustificado) de sofrer.
Infere-se: o aproximar da noite (iluminação, edifícios onde se prepara o jantar, pessoas a caminho de casa).	Céu baixo e de neblina. Gás extravasado, cheiro a gás. Edifícios e chaminés. Cor monótona e londrina.	Turba.	Enjoo pelo gás extravasado. Infere-se a tristeza do Poeta, provocada pela cor monótona e londrina.
	Ao fundo, carros de aluguer, em direcção ao comboio.		A felicidade dos que partem, em oposição à infelicidade dos que ficam, entre os quais o Poeta. O Poeta manifesta desejo de evasão para capitais europeias onde é possível chegar de comboio. A felicidade está onde não se está.
Ao cair das badaladas (velha tradição, anunciando o fim do trabalho com o toque dos sinos).	As casas de madeira parecem gaiolas. As casas são como viveiros, nelas se amontoam as pessoas.	Infere-se a existência de pessoas no interior das casas. Os mestres carpinteiros saltam de viga em viga, como morcegos, abandonando o trabalho.	
	Boqueirões, becos. Caís a que se atracam botes.	Os calafates, aos magotes, de jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos, regressam a casa.	O Poeta, a cismar, por boqueirões, por becos. O Poeta erra pelos caís a que se atracam botes.
Tempo de evasão: recuo ao tempo dos Descobrimentos.	Espaço de evasão: os Descobrimentos.	Personagens de evasão: mouros, heróis ressuscitados. Camões a salvar <i>Os Lusíadas</i> a nado.	A realidade dura faz o Poeta ter consciência da necessidade que sente de evasão.

Fim da tarde. Hora de jantar.	No mar, vogam os escaleres de um couraçado inglês. Em terra serve-se o jantar nos hotéis da moda.	Infere-se a presença dos ingleses, nos couraçados, os privilegiados da sorte a jantar nos hotéis da moda.	O Poeta declara-se incomodado com o fim de tarde.
	Um trem de praça (onde arengam dois dentistas). As varandas das casas. As lojas.	Dois dentistas (arengam num trem de praça). Um trôpego arlequim (um desfavorecido da sorte) braceja numas andas. Os querubins do lar (a criança, à espera dos pais, aos saltinhos, nas varandas). Os comerciantes, em cabelo (descompostos), enfadam-se, à porta das lojas, por falta de clientes.	O Poeta revela simpatia pelos desfavorecidos e hostilidade para com os bafejados pela sorte.
	Arsenais e oficinas. O rio a reluzir, viscoso.	O operariado deixa o trabalho e regressa a casa. As obreiras, apressadas. As varinas, em grupo, hercúleas, galhofeiras.	Infere-se: o Poeta mostra ter consciência da vida miserável das varinas, mas também de que elas não têm consciência disso (a felicidade está na ordem inversa da consciência).
		As varinas, de troncos fortes como pilastras, agitam, ao andar, as ancas opulentas. Os filhos das varinas (que elas embalam à cabeça), vão dentro das canastras.	O Poeta comisera-se com a vida das varinas e antevê a desgraça dos seus filhos, que antevê a naufragarem nas tormentas. O Poeta, consciente, sofre pelas varinas, que não revelam ter consciência da realidade que as afecta.
		As varinas trabalharam, de manhã à noite, nas descargas de carvão, nas fragatas, vão descalças. As varinas moram num bairro sem condições (aí miam gatas, o peixe podre gera focos de infecção).	

Cenário II: Noite Fechada (Acender das Luzes)

TEMPO	ESPAÇO	PERSONAGENS	ESTADOS DE ALMA DO POETA
	As cadeias, onde se toca às grades (pede-se comida, é hora de dormir). O aljube, onde se recolhem velhinhas e crianças.	Velhinhas e crianças (recolhem-se ao aljube). A mulher de "dom", com bens (mulheres dessa condição raramente caem num aljube). Personagens inferidas: os presos e os guardas.	O Poeta sente-se mortificado e com loucuras mansas, ao ouvir tocar às grades, nas cadeias. O Poeta tece o comentário de que, no aljube, raramente se encontra uma mulher de "dom". O Poeta lamenta que velhinhas e crianças tenham de se recolher ao aljube.
Ao acender das luzes.	As prisões, a velha Sé, as Cruzes.	Infer-se: as pessoas desprotegidas que estão nas prisões, entram na velha Sé, passam pelas Cruzes.	O Poeta desconfia que sofre de um aneurisma, de tão mórbido que fica com o que vê. O coração do Poeta é sensível ao deparar com as prisões, a velha Sé, as Cruzes. O Poeta sente chorar o coração.
A hora de acender as luzes.	Os andares que se iluminam. As tascas, os cafês, as tendas, os estancos acendem as luzes com reflexos brancos. A lua lembra o circo e os jogos malabares.	Infer-se: as pessoas chegam a casa e acendem as luzes. Infer-se: os frequentadores de tascas, cafês, tendas, estancos.	
	Duas igrejas, que ficam num saudoso (antigo) largo. Espaço de evasão (negativo): espaço da cidade onde tiveram lugar práticas repressivas da Igreja (a Inquisição).	Padres que abandonam as igrejas. As vítimas (recriadas) da repressão da Igreja.	O Poeta revela pouca simpatia por igrejas e clero. O Poeta, perante a vista das duas igrejas, esfuma (recria) as antigas práticas repressivas da Igreja (a Inquisição). O Poeta comiserou-se por todos quantos sofreram com práticas religiosas repressivas do passado (a Inquisição). O Poeta quer compensar a realidade negativa com incursões através da história (embora nem todos os motivos sejam felizes).

	<p>Construções rectas, iguais, crescidas, resultantes das reedificações após o terramoto. Íngremes subidas. Toque dos sinos.</p>		<p>O Poeta sente-se murado, emparedado, ao visitar a parte reconstruída da cidade, após o terramoto (afinal, a reconstrução não foi o que se esperava...). Sente-se afrontado com as íngremes subidas, com o ambiente religioso suscitado pelo toque (monástico e devoto) dos sinos.</p>
	<p>O largo onde foi levantada a estátua de Camões, recinto público e vulgar, com bancos de namoro e exíguas pimenteiras. A estátua de Camões, épico de outrora, feita de bronze, monumental, de proporções guerreiras, apoiada num pilar.</p>		<p>O Poeta destaca a importância da figura de Camões (a resposta aos problemas do presente seria dada com soluções do passado), ao mesmo tempo que pretende homenageá-lo (<i>O sentimento dum ocidental</i> é publicado em 1880).</p>
	<p>Espaço da rua. Quartel militar. Um palácio diante de um casebre.</p>	<p>O Cólera, a Febre (personificados). Pessoas de corpos enfezados, que se acumulam nas ruas. Os soldados, sombrios e espectrais, que recolhem ao Quartel.</p>	<p>O Poeta revela-se sensível ao sofrimento das pessoas, que, pelos corpos enfezados, ele supõe sofrerem de cólera e febre. Mostra pouca simpatia pelos soldados, devido à sua função belicista e de preservação da realidade instituída. Revela-se sensível às contradições sociais (um palácio diante de um casebre).</p>
<p>A temperatura baixa.</p>	<p>Os Quartéis (de cavalaria), ocupando o espaço de antigos conventos. Espaço de evasão: a Idade Média, suscitada pelos conventos transformados em Quartel. A cidade, com cada vez menos gente.</p>	<p>Patrulhas a cavalo e a pé saem dos Quartéis, espalham-se (derramam-se) por toda a capital.</p>	<p>O Poeta revela nostalgia pela Idade Média, enquanto espaço e tempo de evasão (a solução para os problemas do presente procurada no passado).</p>

	A triste cidade. Os lampiões distantes. As montras dos ourives.	Uma paixão defunta, do Poeta (personagem da memória). As elegantes, curvadas a sorrir diante das montras dos ourives.	O Poeta comisera-se com a tristeza da cidade. O Poeta receia que a cidade lhe avive uma paixão defunta. O Poeta sente-se enlutar ao deparar com os favorecidos da vida (as elegantes, diante das montras dos ourives).
	Os <i>magasins</i> .	Costureiras e floristas descem dos <i>magasins</i> , onde trabalham. Custa-lhes a elevar os pescoços altos. Muitas delas são comparsas ou coristas, trabalham no teatro.	O Poeta é tomado de sobressaltos, perante costureiras e coristas de vida dupla (profissão humilde, durante o dia, profissão duvidosa, depois do anoitecer). O Poeta denuncia as influências estrangeiras na moda, ao designar as lojas por <i>magasins</i> .
	A <i>brasserie</i> , onde, às mesas de emigrados, ao riso e à crua luz, se joga o dominó.	Emigrados, ao riso e à crua luz, jogam o dominó.	O Poeta apresenta-se de luneta de uma lente só, declarando-se, assim, atento e íntegro. O Poeta declara ter sempre assunto perante os "quadros revoltados", que abundam na cidade.

Cenário III: Ao Gás (Fixação da Noite)

TEMPO	ESPAÇO	PERSONAGENS	ESTADOS DE ALMA DO POETA
A noite pesa, esmaga.	Os passeios de lajedo. Os moles hospitais. As embocaduras, que libertam um sopro que arrepia os ombros quase nus, sugerindo um ambiente de fantasmas que afecta os pobres mal vestidos e doentes.	As impuras que se arrastam nos passeios de lajedo. Os pobres andrajosos e doentes, que são afectados pelo sopro saído das embocaduras.	O Poeta sente desconforto com o ambiente (inconsciente) de riso e jogo. O Poeta é abatido pelo sentimento de peso e esmagamento provocado pela noite. O Poeta sensibiliza-se com o sofrimento no interior dos hospitais e com os pobres mal vestidos e doentes, expostos às correntes de ar.
	As lojas tépidas. Espaço imaginado: visão de uma catedral de comprimento imenso, com círios laterais, filas de capelas com santos e fiéis, andores, ramos, velas, sugerido pela presença das lojas tépidas.	Personagens imaginadas: santos em capelas, com círios, andores, ramos, velas. Fiéis frequentadores da catedral de comprimento imenso, a que se assemelham as lojas tépidas.	O Poeta sente-se cercado (emparedado). O Poeta revela consciência de que as lojas tépidas que o "cercam" se assemelham a uma catedral de comprimento imenso. Ou seja: uma das origens do cerco que o afecta vem do lado religioso, outra vem do lado do desequilíbrio social.
	O chorar dos pianos. Espaço imaginado: o chão minado pelos canos.	As burguesinhas do catolicismo resvalam pelo chão minado pelos canos. São seres desprezíveis, insignificantes. Personagens imaginadas: as freiras de antigamente, que os jejuns matavam de histerismo, a que se assemelham as burguesinhas do catolicismo.	O Poeta sensibiliza-se com a sorte das burguesinhas do catolicismo, comparando a sua sujeição aos ditames do seu tempo (submissão à casa, devotas e beatas, educadas para o piano e as boas maneiras, sem vontade própria...) com a das freiras do antigamente (sujeitas aos jejuns e às crises de histerismo).
	Uma fábrica de cutelaria a funcionar. Uma padaria, a laborar, a fabricar pão, libertando um cheiro salutar e honesto.	Um forjador, de avental, ao torno, maneja um malho. Infere-se: os padeiros no fabrico do pão.	O Poeta mostra apreciar as coisas autênticas e salutareis da vida (o trabalho do forjador, o fabrico do pão).

	Casas de confecções e modas, que resplandecem de luz e abundância.	Infere-se: as modistas das casas de confecções e modas. O ratoneiro imberbe (uma criança delinquente) que olha pelas <i>vitrines</i> das casas de confecções e modas.	O Poeta revela a sua intenção de intervir na sociedade: idealiza escrever um livro que exacerbe, que cause impacto. O Poeta exprime o seu conceito de poética: a literatura deve exprimir o real através da análise. O Poeta mostra pouca simpatia pelas casas de confecções e modas, devido à dissonância que elas representam no antro de contradições que é a cidade.
A palidez romântica e lunar que provoca reverberos (tonalidades) nas longas descidas.		As longas descidas da cidade, marcadas com reverberos de esguia difusão, de uma palidez romântica e lunar.	O Poeta acrescenta informação sobre o seu conceito de poética: escrever versos magistrais, salubres e sinceros e poder pintar com eles pormenores do espaço da cidade, tais como as subtilezas provocadas pela luz nas longas descidas.
	Loja de luxo, com balcões de mogno, onde se vendem xales com debuxo.	Pessoa lúbrica, como grande cobra, espartilhada, magnética a atrair o luxo, escolhe uns xales com debuxo.	O Poeta revela aspereza perante os que, bafejados pela sorte, atraem ao luxo.
		A velha, de bandós, de vestido com <i>traine</i> (acrescento farto e longo, a arrastar pelo chão), com barras verticais, a duas tintas, a imitar um leque antigo aberto. Os <i>mecklemburgueses</i> (Mecklenburg, unidade política alemã, de regime latifundiário, aristocrático e autoritário), os indivíduos com o mesmo estatuto da velha de bandós, que perto dela "escarvam" à vitória (ironia, para exprimir que eles, através dela, têm sucesso e usufruem de boa vida).	O Poeta contrapõe a ostentação e o luxo à desgraça e à miséria (através da velha de bandós e dos <i>mecklemburgueses</i> que a acompanham).

	Lojas da moda, onde clientes e caixeiros interagem no acto comercial, desdobrando tecidos estrangeiros. Plantas ornamentais a secar nos mostradores da loja. Flocos de pós de arroz que pairam, sufocadores.	Clientes e caixeiros, nas lojas da moda. Os caixeiros requebram-se, desfazem-se em boas maneiras, em nuvens de cetins, para venderem os seus artigos.	O Poeta mostra não concordar com o comportamento dos clientes das lojas da moda.
Passou tempo, é altura de fechar as lojas, tudo passa e cansa.	Os candelabros, como estrelas, apagam-se, pouco a pouco. As frontarias dos prédios, de onde estão suspensos candelabros. As armações fulgentes, que brilhavam com a luz, tornam-se mausoléus quando ela se apaga.	Um cauteleiro regouga, rouco, solitário.	O Poeta dá atenção aos mais fracos, neste caso ao cauteleiro, que regouga, rouco, solitário.
	As esquinas, onde pede esmola o velho professor de latim (símbolo do abandono a que chegaram os valores culturais do país).	O homenzinho idoso, calvo, eterno, sem repouso, que exclama "Dó da miséria!... Compaixão de mim!...", e nas esquinas pede esmola, é o velho professor de latim do Poeta.	O Poeta mostra compaixão pelos desfavorecidos, no caso concreto o seu velho professor de latim, e repúdio pelo desprezo a que, simbolicamente, foram deitados os valores culturais do país.

Cenário IV: Horas Mortas (Noite Segura)

TEMPO	ESPAÇO	PERSONAGENS	ESTADOS DE ALMA DO POETA
É noite de céu limpo. Os astros, com olheiras, libertam lágrimas de luz.	As ruas estreitas, ladeadas por prédios com trapeiras, são longos corredores, que têm por tecto fundo o oxigénio, o ar (o céu). As trapeiras, separadas pelas ruas estreitas. Os astros, com olheiras, libertam lágrimas de luz.	Personagens imaginadas: os astros, solidários com os homens conscientes, chorando lágrimas de luz.	O Poeta, em face da realidade, deixa-se dominar pelo desejo de evasão. Ele diz-se enlevado pela quimera azul de transmigrar, de passar a outro espaço-tempo positivo, que não o magoe como aquele em que vive.
A cidade às escuras.	Portões e arruamentos particulares, lajes onde se ouve cair um parafuso, taipais que se colocam, fechaduras a rangerem, uma caleche de luzes acesas.		O Poeta mostra-se impressionado com os portões e os arruamentos das propriedades particulares abastadas. Consciência dos desequilíbrios sociais. O Poeta, de tão marcado pela realidade, torna-se assustadiço, a pontos de se deixar espantar pelos "olhos sangrentos", as luzes de uma caleche.
Tempo de silêncio.	As fachadas das casas que parecem linhas de uma pauta. As notas pastoris de uma longínqua flauta sobem, no silêncio, infaustas e trinadas.	Personagem inferida: nota-se a presença de um tocador de flauta.	O Poeta revela consciência de ínfimos pormenores da cidade, como a dupla correnteza augusta das fachadas e as notas pastoris, tristes, de uma longínqua flauta. O Poeta mostra ânsia e saudade pelo ambiente pastoril.

	<p>Espaço visionado: um mundo perfeito, castíssimas esposas, mansões de vidro transparente.</p>	<p>Personagens visionadas: castíssimas esposas, em mansões de vidro transparente.</p>	<p>O Poeta aspira à imortalidade ("Se eu não morresse, nunca!"). O Poeta dá mais informação sobre o seu conceito de poética: procurar e alcançar, eternamente, a perfeição das coisas. O Poeta perde-se a sonhar com um mundo perfeito (evasão da realidade, já que deseja imortalidade e perfeição, mas sabe que é mortal e imperfeito), com castíssimas esposas dispostas em mansões de vidro transparente.</p>
	<p>Espaço visionado: família, filhos, mães e irmãs estremecidas, vivendo em habitações translúcidas e frágeis.</p>	<p>Personagens visionadas pelo Poeta: filhos, mães, irmãs estremecidas.</p>	<p>O Poeta sonha uma realidade completamente diferente da que o afecta, com família, filhos, esposas e irmãs estremecidas, vivendo em habitações translúcidas e frágeis (evasão pela via estética). O Poeta, porque tem consciência da realidade, mas nada pode fazer contra ela, contrapõe-lhe um mundo de contornos sonhados.</p>
	<p>Espaço imaginado: situado no futuro, quando as frotas dos avós e os nómadas ardentes explorarem todos os continentes e seguirem pelas vastidões aquáticas.</p>	<p>Personagens imaginadas: a raça ruiva do porvir, os avós dirigindo as suas frotas, os nómadas ardentes.</p>	<p>O Poeta sonha com a raça ruiva do porvir. O Poeta sonha explorar todos os continentes e seguir pelas vastidões aquáticas. O Poeta conta, para consumir os seus fins, com o contributo das frotas dos avós e de nómadas ardentes (o dinamismo do passado português), cuja formação idealiza. O Poeta sonha explorar todos os continentes e seguir pelas vastidões aquáticas.</p>

<p>Tempo imaginado: a treva, onde há folhas das navalhas e gritos de socorro estrangulados (de que é símbolo a escuridão da noite real em que o Poeta se move).</p>	<p>O vale escuro das muralhas, sem árvores, onde vivem os emparedados. Espaço imaginado: treva, folhas de navalhas, gritos de socorro estrangulados.</p>	<p>Os emparedados (o Poeta e todos os seres que adquirirem o grau de consciência dele), que vivem no vale escuro das muralhas, sem árvores, entre folhas de navalhas e gritos de socorro estrangulados, na treva.</p>	<p>O Poeta tem consciência de que os indivíduos <i>conscientes</i>, de Lisboa, do país, do mundo... que lutam contra a realidade triste e o meio humano deficitário e infeliz que é a realidade humana vigente, são os emparedados, que vivem no descampado escuro cercado de muralhas, e entre folhas das navalhas e gritos de socorro estrangulados, na treva.</p>
	<p>Os nebulosos corredores, as ruas. Os ventres das tabernas, a vida no seu interior.</p>	<p>Os tristes bebedores, de regresso a casa, que, aos bordos sobre as pernas, cantam com saudade, de braço dado uns nos outros.</p>	<p>O Poeta sente náuseas provocadas pelo que vê no interior das tabernas. O Poeta é sensível à presença dos tristes bebedores que regressam a casa a cantar, de braço dado uns nos outros.</p>
		<p>Os dúbios caminhantes afastam-se, ficam à distância. Os cães, sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes, amareladamente (advérbio que afecta, negativamente, os cães e tudo à sua volta), parecem lobos.</p>	<p>O Poeta, apesar do ambiente inseguro, não receia ser roubado (não por coragem sua, mas porque, afinal, ele está irmanado, pelo menos em espírito, com o grupo dos desfavorecidos da sorte, seus potenciais ladrões).</p>
	<p>As escadas dos prédios, revistadas pelos guardas. O andar superior dos prédios, onde as imorais, em roupão, tosem, fumando sobre a pedra das sacadas.</p>	<p>Os guardas revistam as escadas, caminham de lanterna, carregam imensas chaves. As imorais, em roupões ligeiros, tosem, fumando sobre a pedra das sacadas, no andar superior dos prédios revistados pelos guardas, enquanto esperam quem as procure.</p>	
	<p>Os prédios sepulcrais, numa massa irregular, com dimensões de montes.</p>		<p>O Poeta revela a consciência de que a dor humana busca amplos horizontes (soluções), mas atravessa marés de fel, como um sinistro mar (a realidade).</p>

Em síntese, podemos constatar que:

A) O TEMPO.

Relativamente ao tempo, revela-se:

Consciência da sua passagem, entre as *Avé-Marias* (ao cair da tarde), a *Noite Fechada* (o acender das luzes), o *Ao Gás* (fixação da noite) e as *Horas Mortas* (noite segura).

Consciência de um tempo real, progressivamente negativo: o anoitecer, as sombras, a preparação da noite, o cair das badaladas, o fim da tarde, a hora de jantar, a hora de acender as luzes, a temperatura baixa, a noite que esmaga, a palidez romântica e lunar, a ocasião de fechar as lojas, a noite de céu limpo em que os astros libertam lágrimas de luz, a cidade às escuras, o tempo de silêncio.

Consciência de que ao tempo real, negativo, se contrapõe um tempo de evasão (o tempo dos Descobrimentos) e um tempo imaginado de treva (folhas das navalhas e gritos de socorro estrangulados, na escuridão da *noite real* em que o Poeta se move).

Consciência de que o tempo real negativo diz respeito, simbolicamente, a um tempo, primeiro de decadência nacional, e depois de decadência civilizacional, correspondendo a evasão a uma necessidade de compensação da situação (ao mesmo tempo se aponta uma chave para a solução dos problemas), mas não se deixando antever grande margem para optimismo.

Consciência da progressão e do adensar da noite: à medida que o tempo passa e o bulício diminui, aumenta o sentimento de dor, angústia e frustração.

Consciência de que o pessimismo instalado não dá mostras de recuar.

B) O ESPAÇO.

Predomina o ambiente físico real, revelando-se a consciência do Poeta/narrador acerca de: ruas, Tejo e maresia, céu baixo e de neblina, gás extravasado, edifícios com chaminés, cor monótona e londrina, carros de aluguer, casas que parecem gaiolas, boqueirões, becos, cais a que se atracam botes, escaleres de um couraçado inglês, hotéis da moda, um trem de praça, as

varandas das casas, as lojas, os arsenais e as oficinas, o rio que reluz viscoso, as cadeias, o aljube, as prisões, a velha Sé, as Cruzes, os andares iluminados, as tascas, os cafés, as tendas, os estancos iluminados, a lua, duas igrejas, um largo, as construções rectas, as íngremes subidas, o toque dos sinos, o Largo com a estátua de Camões, o espaço da rua, o Quartel Militar, um palácio diante de um casebre, os Quartéis de Cavalaria, a cidade a esvaziar-se, os lampiões, as montras das ourivesarias, os *magasins*, a *brasserie*, os passeios de lajedo, os hospitais, as embocaduras, as lojas, sons de pianos, candelabros que se apagam, frontarias dos prédios, esquinas, ruas estreitas, prédios com trapeiras, astros que libertam lágrimas de luz, portões e arruamentos particulares, lajes onde se ouve cair um parafuso, taipais, uma caleche de luzes acesas, fachadas das casas, ruas como nebulosos corredores, tabernas, escadas dos prédios, o andar superior dos prédios, as sacadas de pedra.

Segue-se o ambiente humano real, com: bulício de gente, gente que parte de comboio, pessoas em viveiros (em casa), dois dentistas que arengam, os guardas das prisões, velhinhas e crianças recolhidos no aljube, os ourives, os emigrados às mesas da *brasserie*, os pobres mal vestidos e os doentes, um cutileiro, a fábrica de cutelaria a funcionar, a padaria a fabricar pão, as casas de confecções e moda, a loja de luxo com balcões de mogno, as lojas da moda, as plantas ornamentais nos mostradores das lojas, um velho professor de latim que pede esmola, os trabalhadores da noite, o som de uma flauta triste, a vida interior das tabernas, os guardas que revistam os prédios, as imorais em roupão que tosem e fumam.

Há ainda particularidades acerca do espaço físico de evasão (positiva: Descobrimentos, Idade Média; negativa: espaço da cidade, com práticas repressivas da Igreja da Inquisição), espaço físico imaginado (a catedral de comprimento imenso, círios, capelas com santos, andores, ramos, velas; o chão da cidade minado pelos canos); espaço humano imaginado (os fiéis na catedral de comprimento imenso).

A consciência revelada, tanto sobre o ambiente físico real, como sobre o ambiente humano real, não tem toda ela o mesmo valor. A sensibilidade do Poeta/narrador vai estabelecendo diferenciações, revelando-se positiva, negativa ou neutra, consoante as circunstâncias. A sensibilidade neutra é simplesmente caracterizadora, a sensibilidade positiva vai para os desfavorecidos pela sorte, e a sensibilidade negativa para os favorecidos por ela.

O ambiente humano real vai ter continuidade nas personagens apresentadas.

C) AS PERSONAGENS.

As personagens (os "outros") de *O sentimento dum ocidental* vão desde a tipificação (gente nas ruas, a turba, o povo em geral) até à individualização (cada uma delas caracterizada com traços rápidos e fortes (J. E. Cáster, 1989, p.225, ss.).

Deparamos com cinco grupos de personagens:

- Personagens do Povo Positivas (gente desprotegida, frágil, vítima da má sorte, com os seus pontos fracos e as suas misérias, que representa a dor humana): os mestres carpinteiros, os calafates, um trôpego arlequim, os querubins do lar, o operariado, as operárias, as varinas, os filhos das varinas, as velhinhas e as crianças do aljube, os presos nas prisões, as pessoas que chegam a casa, os frequentadores das tascas, dos cafés, das tendas, dos estancos, as pessoas que vivem nos "viveiros" (inferidas), os padeiros no fabrico do pão (inferidas), um tocador de flauta (inferido), o Cólera e a Febre, as pessoas de corpos enfezados, os emigrados, as impuras, os pobres, as costureiras e as floristas, as imorais, um forjador, o ratoneiro imberbe, o cauteleiro solitário, o professor de latim, os tristes bebedores, os dúbios caminhantes, os cães.

- Personagens Burguesas Negativas (gente favorecida pela sorte, ou andando na sua roda e vivendo à sua custa): dois dentistas, os comerciantes, os frequentadores dos hotéis da moda, a mulher de "dom", as modistas das casas de confecções e moda (inferidas), os ourives (inferidas), as elegantes, as burguesinhas do catolicismo, a pessoa lúbrica, a velha de bandos, os *mecklemburgueses*, os clientes e os caixeiros.

- Personagens de Regulação Social (representantes da manutenção da situação vigente, não sendo apresentados em si mesmos, na sua realidade humana, mas na função que desempenham, do lado dos favorecidos da sorte e da vida): os soldados (sombrios e espectrais, recolhem ao Quartel), as patrulhas a cavalo e a pé (saem dos Quartéis, espalham-se por toda a capital), os guardas (revistam as escadas, caminham de lanterna, carregados de chaves), os padres e a sua influência ancestral na sociedade.

- Personagens Conscientes e Sensíveis (conhecedores da realidade vigente, o Poeta e quantos se solidarizam com ele, que vivem a realidade do vale escuro das muralhas, sem árvores, entre folhas de navalhas e gritos de socorro estrangulados, na treva, mas nada podem fazer): os *emparedados*.

- Personagens de Compensação (servem de escape à tensão desencadeada pelo grau crescente de consciência que afecta o Poeta: personagens de evasão (mouros, heróis ressuscitados, Camões a salvar *Os Lusíadas* a nado), personagens visionadas (as vítimas da repressão da Igreja, os frequentadores da catedral visionada, as freiras de antigamente, as esposas, filhos, mães e irmãs estremecidas, a raça ruiva do porvir, os avós com as suas frotas, os nómadas ardentes), personagens imaginadas (os astros personificados, solidários com os homens conscientes, chorando lágrimas de luz), personagem da memória (uma paixão defunta).

Numa antevisão de como virão a proceder, nos ainda distantes anos 30 e 40 do século seguinte, o neo-realismo, e, um pouco mais tarde, o existencialismo, o Poeta/narrador apresenta as personagens da sua história de um modo perfeitamente organizado, em termos de consciência. Ele configura a dialéctica social entre desfavorecidos e favorecidos, cada um sofrendo de inconsciência à sua maneira, com os poderes político e religioso a garantirem a continuidade da situação vigente, e os emparedados nada podendo fazer contra isso, a não ser contrapor consciência à inconsciência e sonhar vitórias futuras, de certa maneira preparando o terreno para que, quando o tempo chegar, a transformação desejada se torne possível.

Essa consciência, por parte do Poeta/narrador, reflecte-se através de estados de alma diversificados.

D) OS ESTADOS DE ALMA DO POETA.

Perante a realidade, a consciência do Poeta manifesta-se através dos mais variados estados de alma (J. P. Coelho, 1976), reflexo interior das variações exteriores vivenciadas, reflectidas no tempo, espaço e personagens.

O Poeta deseja-se alguém que não morresse nunca, qual Sísifo que, de existência eterna, estivesse condenado a renovar continuamente o trabalho-sonho que tem em mãos, nunca susceptível de ser concluído, dada a finalidade de renovação do mundo, a que se propõe, e o jogo constante entre o pessimismo e a esperança que caracterizam as realizações humanas.

São sentimentos directa ou indirectamente verificados:

Soturnidade e melancolia. Desejo absurdo de sofrer. Enjoo pelo gás extravasado. Tristeza provocada pela cor monótona e londrina. Felicidade pelos que partem e infelicidade pelos que ficam. Desejo de viajar entre capitais europeias. Sentimento de que a felicidade só está onde não se está. Ensimesmamento, na deambulação a esmo pelos espaços da cidade. Ânsia de evasão. Inspiração e incómodo pelo cair da tarde. Simpatia pelos desfavorecidos e hostilidade pelos bafejados da sorte. Comiseração com a vida das varinas, cujo naufrágio futuro dos filhos se antevê. Mortificação e loucura pelo tocar às grades, nas cadeias. Pena pelas velhinhas e crianças que se recolhem ao aljube. Morbidez (a pontos de desconfiar de um aneurisma). Tristeza, pela vida na velha Sé, junto às Cruzes. Antipatia por igrejas e clero, devido às suas práticas opressoras, passadas e presentes. Consideração pela História (evasão da realidade que dói, embora nem sempre para motivos felizes). Sentimento de estar "murado". Desejo de dar resposta a problemas do presente com soluções do passado. Sensibilidade pelo sofrimento das pessoas que sofrem de cólera e febre. Sentimento de pouca simpatia pelos soldados. Sensibilidade pelas contradições e afrontas sociais. Nostalgia pela Idade Média (evasão). Comiseração pela tristeza da cidade. Repulsa perante favorecidos e sobressalto perante aqueles que a vida não favoreceu. Reprovação das modas estrangeiras. Sensibilidade para com os quadros revoltados da cidade. Desconforto perante o ambiente de riso e jogo da *brasserie*. Peso e esmagamento provocado pela noite. Solidariedade com o sofrimento no interior dos hospitais, com os pobres mal trajados e os doentes. Comiseração pela sorte (submissão) das burguesinhas do catolicismo. Apreciação das coisas autênticas e salutareis da vida. Aspereza perante os que, favorecidos pela sorte, se deixam atrair pelo luxo. Compaixão pelos mais fracos e desfavorecidos. Desejo de evasão perante a realidade crua. Crítica à propriedade privada opulenta. Susto e espanto (por exemplo, pelos "olhos sangrentos", as luzes de uma caleche). Consciência dos ínfimos pormenores da cidade. Anseio e saudade pelo ambiente pastoril. Sonho com um mundo perfeito. Idealização de uma sociedade purificada (família, filhos, esposas e irmãs). Náuseas, provocadas pelo interior das

tabernas. Compaixão pelos tristes bebedores, de regresso a casa. Irmanação com os revoltados e os tristes. Solidariedade com a dor humana e desejo de a superar.

*

Como se repara, não estamos perante apenas "uma" história, no sentido de uma unidade narrativa, de que poderíamos estar à espera, mas de muitas histórias dentro (a propósito) dessa história.

O sujeito poético / narrador conta a história de cada personagem recriada (que traz à "vida"), conta a sua própria história, histórias da história (do passado, do presente e... do futuro), de entes reais e recriados, da realidade e dos sonhos, da vida (da má vida), histórias de Lisboa e de espaços específicos de Lisboa, histórias do país e do mundo...

E nenhuma destas histórias é linear, antes todas elas são complexas, sugeridas pelo Poeta, no seu estilo digressivo/impressionista, não dispensando a cumplicidade do leitor para que se tornem consistentes.

Todos estes elementos poético-narrativos, com reflexo nas manifestações de consciência, presentes em *O sentimento dum ocidental*, oferecem-se, com a maior vantagem, para serem "descobertos" pelos alunos.

Afigura-se, por essa via, perante eles, uma oportunidade única de desenvolverem espírito crítico e competência de leitura, aproveitando, ao mesmo tempo, linhas de pensamento do melhor e do mais criativo que a literatura portuguesa produziu até hoje, respondendo às finalidades formativas em que a escola não poderá deixar de se mostrar empenhada.

BIBLIOGRAFIA

- CARTER, Janet E. (1989). *Cadências tristes. O universo humano na obra poética de Cesário Verde*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- COELHO, Jacinto do Prado (1976). Cesário Verde, Poeta do espaço e da memória. In *Ao contrário de Penépole*. Lisboa: Bertrand, pp.195-198.
- LAIDLAR, John (1993). A interpretação de Cesário Verde. In Helena Carvalhão Buescu (org.). *Cesário Verde – comemoração do centenário da morte do Poeta*. Lisboa: Gulbenkian, pp.91-101.

SERRÃO, Joel (1986). Cesário Verde – Vida e morte de Cesário Verde. Jornal *Diário do Minho*, de 27.07.2005, pp.22-24 [republicação].

SILVA, V. M. Aguiar e (1977). *A análise da narrativa*. Coimbra: Almedina.

VERDE, Cesário (2001). *Poesia completa, 1855-1886*. Lisboa: Dom Quixote, pp.123-132 [fixação de texto de Joel Serrão].